

Pesquisas enfrentam um duro percurso entre patente e mercado

Integrar a pesquisa científica aplicada às necessidades do mercado é desafio para os pesquisadores da região

Márcia Dementshuk
Especial para A União



Cereus é um cacto comum no Sertão, tem um formato hexagonal. Essa planta gerencia com inteligência natural a água disponível para sua existência. A natureza inspirou o apelido para o projeto da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Catolé do Rocha, que foi patenteado e licenciado para comercialização. É uma máquina para produzir água destilada com total aproveitamento, sem nenhum desperdício. Normalmente, se perde 50% de água nesse processo. O equipamento será lançado em breve pela Tecnal Equipamentos Científicos. O fato é comemorado na comunidade científica paraibana por causa da dificuldade de transferir a tecnologia desenvolvida na universidade para o mercado.

Patentes são consequências da pesquisa em cima de uma ideia. Para assegurar a propriedade, a invenção é patenteada no Brasil no Instituto Nacional

No período de 2000 a 2017, foram feitos 631 pedidos de depósito de patente de invenção originadas no Estado da Paraíba

da Propriedade Industrial (INPI). Faz-se um "depósito" do projeto, que é o pedido para o registro. Desde então, a propriedade é garantida e a ideia pode ser negociada, mas o projeto passará por um período de avaliação até ganhar o certificado final. Esse período pode demorar até dez anos. O pesquisador Aldre Jorge Moraes Barros, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), revelou que "a planta que produz o algodão colorido com as características que temos hoje foi trabalhada em laboratório a partir de 1984, até chegar ao ponto para a produção do tecido de algodão colorido natural".

Cada etapa, desde a ideia, a pesquisa, até o registro, requer dedicação; mas a



Foto: Divulgação

Pesquisadores se dedicam à área de registros de patentes como produção concreta das instituições de ensino, fruto de muito estudo, esforço e qualidade

transferência de tecnologia - a licença para a fabricação, quando o produto final poderá ser usado pelas pessoas - é o ponto mais difícil para se alcançar, como concordam plenamente os pesquisadores gestores das agências e Polo de Inovação das instituições de ensino superior na Paraíba.

Na universidades paraibanas, a prática de registrar patentes se intensificou a partir de cerca de 2012. 2014, segundo Patrônio F. De Athayde Filho, diretor-presidente da Agência UFPB de Inovação Tecnológica (Inova). No período de 2000 a 2017 foram 631 pedidos de depósito de

patente de invenção (INPI) originadas no Estado. Mas transformar essa pesquisa em produtos comercializáveis é outra história. Em um levantamento feito para esta reportagem, contabilizamos 7 propriedades intelectuais licenciadas e 4 em negociação para serem licenciadas na Uni-

versidade Federal da Paraíba (UFPB); 9 patentes em fase de negociação para o licenciamento na UFCG; 1 patente licenciada pelo IFPB; e uma patente licenciada pela UEPB, além de uma em negociação. Nesse levantamento contamos apenas os licenciamentos de patentes de invenção.

+ Sobre as dificuldades

Quando questionado sobre a dificuldade para integrar a pesquisa científica aplicada às necessidades do mercado, o professor Patrônio de Athayde falou que "o ideal é desenvolver a tecnologia em parceria com a empresa. A solução é integrar a universidade e o setor produtivo."

A universidade tem se dedicado mais à pesquisa de grande interesse científico, mas sem o interesse imediato de mercado. Muito bom cientificamente. Mas éramos doadores de patentes para o exterior. Nossos artigos científicos eram publicados internacionalmente e as ideias não eram patenteadas aqui. Lá fora, faziam pequenas modificações e geravam a patente.

A inovação, hoje, requer agilidade na concepção do problema, de como solucioná-lo, construir a solução, testar, aprimorar e usar. Temos que saber as dores do mercado e desenvolver a tecnologia para acabar com essas dores.

Empreendedorismo

O professor Josemir Moura Maia, do Curso de Ciências Agrárias da UEPB, campus de Catolé do Rocha, também da Agência de Inovação Tecnológica da UEPB, a Inovatec responde por que é tão difícil integrar universidade e empresa: "Um dos gargalos, isso dito por um empresário, é que a universidade não tem preparado pessoas que o empresário possa absorver. O que eu vejo é que as universidades não têm a mesma linguagem que o empresário. Outro problema é a pressa que o empreendedor tem para lançar um produto. Ele não tem disponibilidade de esperar o desenvolvimento. E a tecnologia precisa ser testada, aprimorada, até chegar ao mercado."

Uma das soluções que encontramos foi criar empresas com base em conhecimento científico - iniciativas de geração de startups. Estamos com a HidroTech, de hidroponia, em fase experimental. Essa empresa vai absorver muitas das tecnologias que serão desenvolvidas na universidade, pois ela está configurada para receber novas pesquisas. Estamos com projetos para estudantes que tenham vontade de empreender com inovação tecnológica e ganhar dinheiro com base em conhecimento científico, como a empresa Anac Júnior, com fins educacionais e sem fins lucrativos."

Incentivos vão para o setor de inovação

Um dos caminhos para a empresa acessar os potenciais de pesquisa na universidade é por meio de leis federais, como explica Aldre Jorge Moraes Barros, coordenador do Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia, da UFCG:

"Existem a 'Lei do Bem' e a 'Lei da Inovação', que são incentivos do Governo Federal para a empresa promover a pesquisa na universidade. As empresas podem fazer convênio com as uni-

versidades via fundações e os recursos são direcionados exclusivamente para aquela pesquisa. A UFCG tem relações assim com a Petrobras, com a Brasken... Fizemos uma solução para uma indústria que gastava um trilhão de dólares por ano com energia elétrica. Com a pesquisa em eficiência energética que fizemos, a economia chegou a mais de 40 milhões de dólares por ano, equivalente à folha de pagamento anual da empresa."



Aldre Jorge, coordenador do Núcleo de Inovação de Campina Grande

Maioria das parceiras do IFPB não é do NE

Ranking

Patentes e programas de computador:

UFPB:
323 depósitos de patentes
95 programas de computador
7 propriedades intelectuais licenciadas.
4 em andamento para serem licenciadas

UFCG:
169 depósitos de patentes
47 programas de computador
9 em fase de negociação para o licenciamento.

IFPB:
110 depósitos de patentes e
50 programas de computador
tem 1 patente licenciada

UEPB:
39 depósitos de patente de invenção.
4 programas de computador
1 patente licenciada
1 em fase de negociação para o licenciamento.

(Fonte: Levantamento da reportagem junto às agências e Polo de Inovação das IES).



Integrantes do Polo de Inovação do IFPB, que em pouco tempo já tem conquistas